



***DIFERENTES SENTIDOS PARA UMA MESMA PAIXÃO:
NEGOCIAÇÕES DE GÊNERO DAS MULHERES NO SKATE***

***DIFERENTES SIGNIFICADOS PARA UNA MISMA PASIÓN: LAS
NEGOCIACIONES DE GÉNERO DE LAS MUJERES EN EL SKATEBOARDING***

***DIFFERENT MEANINGS FOR THE SAME PASSION: WOMEN'S
GENDER NEGOTIATIONS IN SKATEBOARDING***

Silvia Urra Gonzalez¹

Bruna Saurin Silva²

Mariana Zuaneti Martins³

RESUMO

O skate é uma prática vinculada a uma subcultura juvenil relacionada à masculinidade. Embora nas últimas décadas, com a entrada como modalidade esportiva nos Jogos Olímpicos esse cenário esteja mudando, o skate ainda é uma prática generificada e generificadora. Por essa razão, esse artigo tem como objetivo compreender como mulheres negociam gênero na construção de espaços destinados à prática de skate. Por meio de uma pesquisa etnográfica realizada nas pistas de skate da cidade de Vitória, identificamos e observamos mulheres praticantes de skate que frequentavam esses locais. A partir de entrevistas com 11 skatistas de diferentes idades e trajetórias, identificamos três modos de integração ao skate, que acionam práticas e discursos sobre a presença das mulheres nesse esporte: a "skatista crítica", a "skatista aprendiz" e a "skatista companheira". São formas distintas de perceber e negociar as relações de gênero cotidiano do esporte.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte. Identidade. Esportes Radicais. Gênero.

¹ Mestre em Educação Física/ Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista CAPES do Programa PAEC-OEA_GCUB (Programa de Alianzas para la Educación y la Capacitación para Posgrados en Brasil). silvia.ural@gmail.com

² Mestre em Educação Física/ Universidade Federal do Espírito Santo. Doutoranda em Ed. Física/ Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista CAPES. bruna.saurin@gmail.com

³ Doutora em Educação Física/ Unicamp. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Física/ Universidade Federal do Espírito Santo. mariana.zuaneti@gmail.com

RESUMEN

El Skateboarding es una práctica vinculada a una subcultura juvenil relacionada con la masculinidad. Aunque en las últimas décadas, con su entrada como deporte en los Juegos Olímpicos, este escenario ha ido cambiando, el skateboarding sigue siendo una práctica generizada y generificante. Por esta razón, este artículo tiene como objetivo comprender cómo las mujeres negocian el género en los espacios para el skateboarding. A través de una investigación etnográfica realizada en los skateparks de la ciudad de Vitória, identificamos y observamos a mujeres skaters que frecuentaban estos lugares. A partir de entrevistas con 11 skatistas de diferentes edades y procedencias, identificamos tres formas de integrarse en el skate, que desencadenan prácticas y discursos sobre la presencia de las mujeres en este deporte: la "skatista crítica", la "skatista aprendiz" y la "skatista compañera". Se trata de diferentes formas de percibir y negociar las relaciones cotidianas de género en este deporte.

PALABRAS-CLAVE: Deporte. Identidad. Deporte Extremo. Género

ABSTRACT

Skateboarding is a youth subculture sport related to masculinity. Although this scenario has been changing in recent decades, with skateboarding being included in the Olympic Games, it is still a gendered and gendering practice. This article therefore aims to understand how women negotiate gender in the spaces for skateboarding. Through ethnographic research carried out at skateparks in the city of Vitória, we identified and observed female skateboarders who frequented these places. Based on ethnography and interviews with 11 skaters of different ages and backgrounds, we identified three ways of integrating into skateboarding, which trigger practices and discourses about the presence of women in this sport: the "activist skater", the "trainee skater" and the "partner skater". These are different ways of perceiving and negotiating gender relations in the sport.

KEYWORDS: Sport. Identity. Action Sports. Gender.

Caminhos Introdutórios

Nas últimas décadas, o *skateboarding*, conhecido simplesmente como skate no Brasil, experimentou transformações significativas, que culminaram em sua oficialização como esporte nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2021. Dentro dessas mudanças, destaca-se o fenômeno chamado de “esportivização”, que se manifesta pela institucionalização de atividades anteriormente não regulamentadas. Esse processo envolve a criação de regras escritas, as quais orientam principalmente os comportamentos permitidos e não permitidos (Dunning; Elias, 1992, p. 42). No contexto do skate, a esportivização alterou substancialmente o status de sua prática, transformando-o de uma atividade descontraída em um esporte regulamentado, caracterizado por competições formais e pela consagração de vencedores.

Entretanto, essa mudança não se efetua sem enfrentar resistência; alguns grupos ainda hesitam em reconhecer o skate como uma prática esportiva, conforme evidenciado pela metáfora do “atleta *versus* o streeteiro” (Machado, 2011). A confrontação presente simboliza a tensão existente dentro da subcultura skatista. Ao concebermos o skate como uma subcultura, compreendemos que essa prática representa formas de aliança e valores que, tradicionalmente, se opõem à cultura esportiva e às normas sociais (Blackman, 2007). Ao enfatizá-lo como uma subcultura, como uma prática de desvio das normas, também evidenciamos a agência dos/as jovens em identificar-se com ela e, a partir dela, resistir a valores correntes em nossa sociedade. Nesse contexto, a disputa em torno da esportivização também gera uma tensão com a subcultura skatista. Essa tensão pode indicar tanto a possibilidade de diluição no âmbito da disciplinarização esportiva, com seus campeonatos, rankings, medidas, técnicas e treinamentos sistematizados, praticada por atletas, quanto a transformação da subcultura do que é entendido como “streeteiro”, nos termos de Giancarlo Machado (2011).

No Brasil, o processo de esportivização do skate teve início no final da década de 1970, marcado pelo surgimento de campeonatos amadores e profissionais, a formação de circuitos estaduais e nacionais, a constituição de associações e, posteriormente, a criação da Confederação Brasileira de Skate (CBSK) (Brandão, 2008). Essas mudanças não só moldaram a prática esportiva, mas também aceleraram o desenvolvimento de técnicas, metodologias, requisitos de participação, órgãos reguladores, patrocínios, marketing e publicidade, entre outros.

Paralelamente, a mídia especializada brasileira desempenhou um papel crucial nesse processo, destacando a modalidade esportiva em questão, especialmente quando esta se tornou parte dos Jogos Olímpicos. Com a inclusão do skate nas Olimpíadas, coube à mídia ressaltar a singularidade dos atletas, seus feitos e conquistas, contribuindo não apenas para a visibilidade individual, mas também desempenhando um papel significativo na consolidação do skate como modalidade esportiva no Brasil. Além disso, os bons resultados tanto de atletas homens quanto de mulheres intensificaram ainda mais os investimentos midiáticos na modalidade (Pereira, 2023).

Nesse contexto de mudanças expressivas no cenário do skate, os resultados mais recentes da pesquisa da Confederação Brasileira de Skate (CBSK, 2015) destacam uma maior representatividade de praticantes do sexo masculino, compreendendo 81% do total de respondentes. Apesar da menor quantidade, as mulheres estão gradualmente aumentando sua participação, elevando a taxa de 10% em 2009 para 19% em 2015. A

disparidade percentual na quantidade de skatistas mulheres e homens historicamente perpetua a percepção do skate como uma subcultura desviante no Brasil, associada ao que tradicionalmente é considerado um “universo masculino”.

Nessa perspectiva, as mulheres enfrentam desafios adicionais para o desenvolvimento e ascensão na modalidade, experimentando menor visibilidade, mesmo diante das vitórias e excelentes resultados de algumas skatistas brasileiras, como Rayssa Leal. Mesmo em destaque na modalidade esportiva, essa atleta foi inicialmente infantilizada, sendo reconhecida mundialmente como 'fadinha'. Posteriormente, sua subjetivação por meio de campanhas publicitárias (Pereira, 2023) não contribuiu para modificar a percepção arraigada na subcultura do skate, a qual continua vinculada predominantemente à masculinidade. Isso porque, a despeito das disputas em torno da esportivização da modalidade, a prática permanece vinculada a uma subcultura que valoriza tais aspectos.

Deste modo, nota-se uma influência considerável do marcador de gênero, nas oportunidades de acesso e permanência na modalidade, conforme já demonstrou Figueira e Goellner (2013). Embora haja uma disputa de visibilidade, a subcultura do skate é uma prática generificada e generificadora, já que produz e reproduz “discursos, valores e práticas que acabam marcando nos corpos representações de feminilidades e masculinidades, que definem, também, posições sociais” (Figueira; Goellner, 2013, p. 245). O skate está associado à masculinidade por valorizar aspectos representados dentro desse universo, como risco, coragem, desafio dos limites corporais e à exposição em uma subcultura urbana, produzindo, portanto, uma ideia generificada do skatista.

A subcultura skatista desafia a noção tradicional de masculinidade, uma vez que enfatiza a colaboração em detrimento da competição na prática dessa modalidade esportiva, o que resulta numa subcultura intrinsecamente ligada a uma forma alternativa de masculinidade (Beal, 1996). Por outro lado, a forma pela qual os skatistas performatizam essa masculinidade alternativa ainda subalterniza o espaço das mulheres. Isso porque eles também reafirmam aspectos da masculinidade hegemônica, ao quererem se distanciar daquilo que é visto como feminino e naturalizar a ideia de que o esporte é uma atividade masculina (Beal, 1996). As mulheres, por conseguinte, negociam com suas posições dentro dessa subcultura para pertencer a ela, muitas vezes acionando suas habilidades ou negando a feminilidade. Isso significa também que masculinidades e feminilidades não são únicas ou naturalmente fixadas, mas criadas e acionadas pelas pessoas de acordo com o contexto (Beal, 1996). O olhar para essa disputa sob a

perspectiva dos estudos de gênero nos conduz a compreender que as discrepâncias entre homens e mulheres são construções sociais e históricas, atravessadas por relações de poder que se manifestam sobre os corpos cotidianamente.

Figueira e Goellner (2009) descrevem o skate como um campo generificado e em disputa, onde as relações de poder permeiam de maneira constante as interações nesse espaço. Nesse cenário, é importante notar que as dinâmicas de gênero exercem uma influência significativa na prática do skate. Ao ingressar nesse ambiente, as mulheres enfrentam desafios relacionados à legitimidade, ocupação de espaços e à percepção e aceitação da feminilidade (Pomerantz; Currie; Kelly, 2004).

Diante desse panorama, surge a seguinte indagação: Como as mulheres negociam com as representações tradicionalmente associadas à masculinidade no mundo do skate, a fim de afirmarem-se como skatistas? Quais identidades elas acionam para construir formas de integração que permitam inserir-se, negociar ou desafiar valores, espaços e poder nas pistas, diante da tensão entre a subcultura e a esportivização do skate?

Ao buscar respostas, estudos em outros países destacam a notável contribuição das skatistas mulheres na criação de ambientes inclusivos, estrategicamente elevando a visibilidade e reivindicando direitos específicos, colocando a intervenção além dos limites do gênero, transcendendo as barreiras para alcançar metas importantes em termos de direitos, participação e competição (Bäckström, 2013). Apesar desses avanços, o espaço do skate para mulheres continua em constante busca por reconhecimento, o que demonstra a complexidade quando nos referimos às experiências, oportunidades e sociabilidades nesse âmbito esportivo (Figueira; Goellner, 2009).

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo compreender como mulheres negociam gênero nos espaços destinados à prática de skate. Por meio de uma pesquisa etnográfica realizada nas pistas de skate da cidade de Vitória, identificamos e observamos mulheres praticantes de skate que frequentam esses locais. A partir de suas biografias, identificamos distintos modos de integração ao skate, os quais contribuem para a formação de identidades coletivas. Essas identidades acionam práticas e discursos relacionados à presença das mulheres no universo desse esporte. No decorrer da pesquisa, destacamos três tipos de modos de integração das skatistas: a “skatista crítica”, a “skatista aprendiz” e a “skatista companheira”. Cada uma dessas abordagens envolve negociações em relação às normas de gênero, desafia os valores tradicionais da subcultura do skate e reivindica espaço tanto na pista quanto no âmbito esportivo, tudo isso a partir de perspectivas, atitudes e discursos singulares.

Nesta pesquisa não estamos preocupadas com a distribuição numérica ou representativa de cada uma dessas formas de integração, nem estamos afirmando que elas representam integralmente o panorama das mulheres skatistas e suas formas de integração. Pelo contrário, essas três narrativas de integração são exemplificações de como as trajetórias esportivas dos skatistas se aproximam e produzem diferentes rupturas na maneira de integrar o skate e dar significado ao esporte em suas vidas cotidianas (Riessman, 2008).

Gênero, performatividade e modos de integração na pista

Nota-se uma pluralidade de sentidos e uma complexidade envolvendo a prática de skate. A complexidade do skate é desafiadora, de modo que sua prática não trata só de desenvolver habilidade(s), mas incorpora representações, ressignificações, sentidos, legitimidade e valores, dos sujeitos pertencentes a um contexto e processo individual e/ou coletivo específico. No cenário dessa competição por status, a aprendizagem do skate é um processo caracterizado pela autonomia e pelo interesse pessoal dos praticantes. Em grande parte, a forma pela qual se adquire o domínio desse esporte é autônoma, não seguindo uma estrutura pedagógica fixa de aprendizagem (Saraví, 2012). Isso implica que a transmissão de saberes ocorre principalmente por meio da co-aprendizagem, na qual skatistas interagem com seus pares para adquirirem novos aprendizados. Isso resulta em um constante deslocamento de papéis entre sujeito que ensina e sujeito que aprende.

Esse dinamismo leva a pensar o skate como uma prática coletiva e colaborativa, no qual feixes de relações se criam dinamicamente nas pistas para a troca de experiências (Vila et al., 2007). Embora o skate não seja um esporte coletivo, é um esporte "social", pois exige que outros testemunhem seus sucessos, tornando-se um "espetáculo" para outros skatistas observarem e comentarem (Jones, 2011).

É preciso destacar que essa subcultura do skate tem no homem o sujeito legítimo da prática. Essa normalização da identidade de gênero de seus praticantes é criada justamente por meio de práticas regulatórias que produzem identidades coerentes por meio da matriz da inteligibilidade de gênero (Butler, 2007). Quando falamos de gênero, nos referimos ao que Joan Scott definiu como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos”, sendo, portanto, “uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 1995, p. 21). É, no entanto, importante ressaltar que essa percepção não é linear ou estanque. Desde o momento em que

nascemos, somos interpelados por discursos culturais de gênero que moldam nossas práticas, as quais reiteramos cotidianamente, constituindo a ideia de performatividade. É exatamente nessa constante reiteração de ações e discursos que a norma de gênero se materializa. Por outro lado, é também pela necessidade de repetição que surgem possibilidades de práticas desafiadoras a essa norma, dando origem a outras manifestações de performatividade de gênero (Butler, 2007).

Dentro desse contexto, a negociação de gênero por parte das mulheres torna-se crucial para assegurar sua presença e espaço nas pistas de skate, possibilitando, assim, a vital troca de saberes que caracteriza essa prática. Para tanto, as skatistas negociam a performatividade de gênero e suas identidades coletivas a fim de resistir aos valores da subcultura associados à masculinidade (Kelly *et al.*, 2006) e desfazer gênero, visibilizando feminilidades plurais e tensionando as fronteiras entre masculino e feminino (Mackay; Dallaire, 2012). Nesse sentido, observar como se criam modos de integração, alianças e identificações com valores e discursos, por meio do uso estratégico de algumas identidades coletivas, pode contribuir para compreender como as mulheres negociam e desafiam as relações e hierarquias de gênero dentro da tensão entre esporte e subcultura no universo do skate.

Por essa via, as mulheres agenciam significados e negociam valores ao se inserirem no skate. Segundo Hannerz (1992), as pessoas são conectadas por uma complexa rede de relações sociais, cujo olhar deve atentar-se à agência individual na organização social do significado. No caso das mulheres no skate, esse agenciamento ocorre em rede, com alianças que forjam identificações, ainda que provisórias e contextuais. Essa complexa teia de relações implica que a cultura pode ser apropriada de forma distinta, ao ser agenciada, pode ser também acionada a depender dos contextos. A partir dessa noção, Hannerz propõe falar de cultura em fluxo, o que significa também que, espacial e temporalmente, as culturas estão em constante movimento e são sempre recriadas (Hannerz, 1997). Nessa constante recriação, alguns significados podem tornar-se duradouros, mas isso não anula a condição de fluxo. Do mesmo modo, mesmo as mais estáticas representações se apresentam em movimento na cultura. A partir dessa noção, também se recriam as possibilidades de usos e apropriações, bem como traduções dos valores, significados e de suas relações.

Na medida em que as mulheres skatistas desafiam os significados e valores da subcultura nas pistas, elas formam coalizões, tecendo identificações e resistências descritas como “feixes de práticas de auto-reprodução e relacionamentos sustentados por

‘lógicas’ particulares de interação que distingue-as do seu ambiente circundante dando-lhes sustentabilidade ao longo do tempo” (Mische, 2009, p. 39). Esses modos de integração são produto das biografias das skatistas, construídas por meio da intersecção dos vários espaços e situações que elas já passaram ao longo do tempo e de maneira, muitas vezes, sobrepostas (Mische, 2009).

Essas mulheres constroem modos de integração específicos e distintos, como estilos de grupo. Estes são entendidos como modos recorrentes de interação, que emergem de compreensões comuns da participação (Mische, 2009) das mulheres, de uma experiência partilhada sobre o esporte e de uma compreensão comum dos desafios e da forma de enfrentá-los. Ou seja, diferentes histórias ou momentos vividos no esporte podem acionar um modo particular de integração, que é distinto de outro. Dessa forma, ao considerar as identidades como fluidas e acionadas de acordo com as circunstâncias (Hall, 2006), compreendemos que os diversos modos de integração na cultura do skate levam as skatistas a criarem narrativas em torno do esporte e a adotar ações que engendram dinâmicas performativas de redes de relação, as quais são seletivamente ativadas e desativadas. Por exemplo, discursos e identificações vinculados à performance esportiva e/ou ao ativismo feminista podem ser coletivamente colocadas para primeiro ou segundo plano dependendo das contingências relacionais sobre as quais essas mulheres estão engajadas. Esses modos de integração são partilhados e dão sentido ao pertencimento ao esporte (RIESSMAN, 2008).

Percurso metodológico

Andar de skate é frequentar um circuito na cidade, ou seja, é uma forma de se integrar à paisagem urbana (Magnani, 2018). O circuito implica, conforme Magnani (2018), a partilha de comportamentos e de espaços, instituições e equipamentos urbanos. Essa partilha é atravessada por relações de gênero e de poder intrínsecas à prática do skate. Assim, a forma como as praticantes de skate frequentam o circuito e estabelecem relações entre si e com a cidade segue uma lógica específica. Nesse contexto, expressam suas escolhas e preferências por determinados espaços no circuito, entre diversas alternativas disponíveis. Essas escolhas, por sua vez, passam a ser reconhecidas como trajetórias, representando fluxos recorrentes em uma tessitura mais abrangente do tecido urbano (Magnani, 2018).

Nesse sentido, para observar essas trajetórias feitas pelas mulheres skatistas, realizamos uma estratégia de campo etnográfico multisituado, já que esta busca observar e estudar as pessoas em seu desenvolvimento-deslocamento, recombinações, híbridos (Marcus, 2018). Para o George Marcus (2018), o campo etnográfico ocorre em diversos lugares e em situação de simultaneidade. O campo não existe como um *a priori*, pois é sempre construído pelo/a antropólogo/a (Magnani, 2005; Latour, 2006), portanto, seu recorte parte de um processo de seguir o rastro das pessoas e de atribuir significado, coerência e ordenação à rede. Para traçar o campo, é fundamental reconstituir a rede e, nesse sentido, seguir corpos, coisas, metáforas, conflitos, alegorias ou vidas (Marcus, 2018). Assim, os espaços de uma cidade favorecem a criação de circuitos, como no caso das skatistas de Vitória, constituindo formas pelas quais elas se movimentam e atribuem significados e/ou ressignificam sentidos ao espaço urbano e aos equipamentos de prática de skate, tornando-se parte da comunidade skatista. Em Vitória, local da pesquisa, existiam em 2019, quatro pistas de skate. Três delas são situadas na orla de praias da cidade, com grande circulação de pessoas, uma maior segurança e banheiros públicos e, por conseguinte, são mais frequentadas por mulheres. A quarta, situada próxima a rodoviária da cidade, era descrita como pouco segura, com assaltos constantes e, portanto, pouco frequentada por mulheres. Deste modo, a etnografia envolveu o circuito das skatistas frequentadoras das três pistas situadas na orla da cidade.

Pensar em etnografia urbana multisituada, no século XXI, envolve também compreender que o que conecta as pessoas e seus trajetos não está apenas visível no território físico da cidade. Contemporaneamente, essa vida vivida tem sido permeada pela esfera do digital, já que este é parte de nossas práticas e nos orientam em diversas experiências. Os meios digitais, redes sociais, aplicativos e *smartphones* desempenham um papel essencial na construção de redes e relações. As mídias estão entrelaçadas à nossa vida cotidiana e integram nossos corpos, de modo que não vivemos com a mídia, mas no interior das mídias. A distinção entre o *online* e o *offline* perde sua produtividade, já que essas esferas envolvem diferentes formas de envolvimento e presença social (Ardévol; Gómez-Cruz, 2013). Assim, as pesquisas exploram contextos variados, movendo-se entre as esferas *online/offline*. Dessa maneira, as mídias introduzem “uma nova esfera relacional, cujos horizontes, regras e também limitações estamos descobrindo ao mesmo tempo em que nela adentramos” (Miskolci, 2017, p. 22).

Outras pesquisas já demonstraram como mulheres skatistas utilizam as plataformas digitais como meio de comunicação que lhes proporciona liberdade de

expressão e exploração para se conectar com outras mulheres skatistas que apoiam essa mentalidade. A internet foi usada para visibilizar representações e identidades diversas dentro da subcultura ou da publicidade vinculada a uma certa feminilidade no skate (Mackay, 2016). As redes sociais possibilitaram às skatistas a geração de seu próprio conteúdo discursivo, fotográfico e audiovisual, proporcionando, assim, diversas formas de produção de subjetividades (Mackay; Dallaire, 2012; Mackay; Dallaire, 2013). A utilização de plataformas digitais contribuiu para estabelecer uma rede social impulsionada por mulheres, resultando em transformações tanto individuais quanto coletivas geradas por construções discursivas alternativas (Mackay; Dallaire, 2014).

No contexto dessa pesquisa, as redes sociais tornaram-se uma ferramenta para mapear, manter contato, observar e interagir para além das pistas de skate da cidade. Isso acontecia por meio de páginas das skatistas no *Instagram* e de um grupo de mulheres skatistas da Grande Vitória no *WhatsApp*, espaços nos quais as mulheres compartilhavam experiências, promoviam eventos e organizavam encontros. A partir dos diálogos nas redes e dos encontros nas pistas, formou-se a rede de skatistas participantes desta pesquisa.

Assim, com o objetivo de abordar as questões relacionadas às dinâmicas de gênero na prática do skate, conduzimos uma pesquisa etnográfica multisituada que se estendeu ao longo de 18 meses, iniciando-se em fevereiro de 2019 e encerrando no início de 2021. De março a novembro de 2020, devido à pandemia de COVID-19, o trabalho de campo foi realizado exclusivamente de forma digital. Esse período não se limitou aos *skateparks*, estendendo-se também aos espaços virtuais, como o *WhatsApp* e o *Instagram*, plataformas amplamente utilizadas pelas praticantes ao longo de toda a pesquisa. Cabe ressaltar que a utilização dessas plataformas não apenas revelou certas dinâmicas sociais, mas também implicou em repercussões significativas para a construção das relações sociais entre as praticantes.

Dada a relação com o digital, a pesquisadora em campo integrou-se a esse fenômeno, assumindo o papel de investigadora ativa na utilização de plataformas digitais. A conta de *WhatsApp* da primeira autora dessa pesquisa foi apenas um dos dispositivos utilizados para estabelecer uma presença constante no terreno, incluindo comentários, compartilhamento de *links* para vídeos e notícias esportivas. Nessa plataforma, sua aceitação pelo grupo foi confirmada, sendo plenamente acolhida como parte integrante do mesmo. Simultaneamente, sua posição como investigadora serviu como uma forma de exposição, apresentando-se abertamente como "mestranda". Enquanto parte do grupo, a

partir do perfil no *Instagram*, ela pôde aparecer e marcar presença no campo. Sua exposição foi semelhante à de qualquer outra skatista do grupo, envolvendo fotos, vídeos, comentários, interações com outros perfis do *Instagram*, uso de *hashtags* e marcação.

Produção de dados

Para a elaboração deste trabalho etnográfico, utilizamos as informações registradas no diário de campo. Este foi composto por observações participativas, bem como entrevistas com as mulheres skatistas. Durante o trabalho de campo, a pesquisadora e primeira autora da pesquisa, observava os comportamentos do contexto para e com as mulheres skatistas, a interação entre elas e com os homens skatistas, as motivações por trás de sua prática, as negociações e estratégias que utilizavam para legitimar a sua prática e, sobretudo, a interação que tinham com o ambiente durante o processo de aprendizagem. Essas considerações eram tecidas a partir de relações pessoais e de confiança, ou seja, da participação em um universo de vínculos. Conforme os apontamentos de Quirós (2014), produzíamos conhecimento na relação com nossos interlocutores no campo, uma relação social que era atravessada por formas de comunicação não verbais e não intencionais.

Durante o processo de observação e registro de campo, percebemos diferentes formas de vivenciar o skate, evidenciando uma heterogeneidade na prática desse esporte. Para abordar essa diversidade, convidamos mulheres que frequentavam regularmente os espaços de prática de skate e mantinham presença nas plataformas digitais. Isso inclui aquelas que compartilhavam conteúdo relacionado ao skate, seja por meio de vídeos, fotos, áudios, debates, comentários, etc. Durante os encontros nas pistas e nos diálogos nas redes sociais, convidamos as skatistas para as entrevistas. É importante ressaltar que algumas skatistas não responderam ou não concordaram em participar quando contatadas, resultando na não realização de entrevistas com essas participantes.

No quadro a seguir, apresentamos o perfil das 11 skatistas entrevistadas nessa pesquisa. Adotamos nomes fictícios para preservar a identidade das entrevistadas. Para a realização das entrevistas, providenciamos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para todas as skatistas mulheres, bem como para seus pais ou responsáveis. Além disso, entregamos Termos de Assentimento para Participantes Menores de Idade (TALE) às skatistas mais jovens. Essa pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa, sob CAAE 25840419.3.0000.5542.

Quadro 1. Informação das participantes das entrevistas

Nome	Idade	Data da entrevista	Anos de prática de skate
Andrea	38 anos	27/04/2020	22
María	22 anos	28/05/2020	5
Bárbara	25 anos	31/05/2020	10
Alexandra	24 anos	09/06/2020	7
Emilia	26 anos	21/05/2020	7
Verónica	26 anos	10/07/2020	9
Rebeca	26 anos	25/07/2020	12
Daniela	18 anos	13/06/2020	5
Diana	16 anos	02/08/2020	2
Catalina	14 anos	14/08/2020	2
Paula	14 anos	20/06/2020	1

Fonte: elaboração própria.

Na condução das entrevistas com as skatistas, optamos por uma abordagem semiestruturada, utilizando tanto perguntas abertas quanto fechadas. Esse formato proporciona ao informante a oportunidade de discorrer sobre o tema proposto, criando um contexto semelhante ao de uma conversa informal. A entrevista semiestruturada possui a vantagem da elasticidade em termos de duração, favorecendo respostas espontâneas e possibilitando maior abertura e proximidade, conforme destacado por Boni e Quaresma (2005). Nesta fase da pesquisa percebemos uma notável receptividade por parte das participantes, evidenciada pela motivação delas ao responder às perguntas das entrevistas. As skatistas entrevistadas demonstraram um ímpeto para se manifestarem, inclusive comentando positivamente sobre o processo e questionando quando seriam entrevistadas.

A entrevista, como instrumento metodológico, também contribuiu para manter uma atitude cognitiva, caracterizada por buscar não apenas informações sobre o objetivo ou assunto de interesse, mas, principalmente, criar laços de interconexão com as pessoas que compõem esse universo (Quirós, 2014). Esse aspecto foi evidenciado durante as paralisações decorrentes da pandemia de COVID-19, em março de 2020, quando as entrevistas foram empregadas para dar continuidade ao trabalho de campo.

Os temas das entrevistas foram divididos em 5 secções: contexto da prática e sua relação com a mesma, as possíveis dificuldades de praticar um esporte radical (medo, lesões, quedas), competições, representatividade e uso de plataformas digitais. A

elaboração da entrevista semiestruturada foi conduzida levando em consideração os tópicos mencionados anteriormente, seguindo uma lógica de ideias para garantir uma linearidade na conversa. A permanência no campo também possibilitou a realização de conversas informais com as skatistas, registradas no diário de campo, resultando em um enriquecimento das narrativas provenientes das entrevistas. Essas conversas abordaram momentos vivenciados nas pistas de skate, experiências anteriores, lembranças ou situações que deixaram marcas em algum processo de aprendizagem.

Análise de dados

Com base nas informações provenientes dos diários de campo e das entrevistas, conduzimos uma análise narrativa temática com o propósito de investigar práticas concretas ou modos de lidar com dados narrativos, com o foco principal voltado para o "que" é expresso, e não necessariamente para o "como", "para quem" ou "para que fins" (Riessman, 2008). A abordagem temática é adaptável a uma ampla gama de textos narrativos, conforme observado por Riessman (2008, p. 81):

A análise temática pode ser aplicada a histórias que se desdobram em entrevistas, conversas e reuniões de grupo, e aquelas encontradas em documentos escritos. Vários exemplos ilustram como as histórias podem ter efeitos além de seus significados para contadores de histórias individuais, criando possibilidades para identidades sociais, pertencimento a grupos e ação coletiva.

Direcionamos nossa atenção para as biografias esportivas e os diversos momentos históricos e culturais em que as entrevistadas entraram em contato com o skate. Assim, organizamos suas narrativas conforme os modos de integração ao esporte, considerando as identidades que elas mobilizam para descrever a presença das mulheres nesse universo. De acordo com Hall (2006, p.62), as identidades são fluidas e não lineares, sendo "um dispositivo discursivo" que se apropria das diferenças com outros/as para representar-se como uma unidade. Ou seja, embora apresentemos esses três modos de integração e identidades distintas, as skatistas podem transitar entre essas possibilidades, pois não são identidades exclusivas, nem as únicas possíveis. As narrativas dessas identidades podem originar-se de diferentes tempos, contextos e discursos.

Mulheres skatistas e sua integração na modalidade: a skatista crítica

Por meio de certos modos de integração, as mulheres skatistas desse estudo negociaram com as relações de gênero para se inserirem no mundo do skate. Houve semelhanças notáveis entre as skatistas da mesma geração, ou seja, aquelas que começaram a praticar o esporte na mesma época. No entanto, é importante ressaltar que, mesmo compartilhando experiências comuns, as vivências não são idênticas para todas elas. São traços em comum que são compartilhados e que representam uma forma de agência para efetuar mudanças nas estruturas estabelecidas no skate, embora possam variar em sua presença ou ausência.

De uma forma geral, a geração foi uma característica que permitiu agrupar as mulheres em diferentes modos de integração, em primeira instância. Quando abordamos a questão geracional, estamos nos referindo a uma forma de divisão social entre agrupamentos de pessoas que vivem em uma mesma época, lidando com os mesmos tempos e processos sociais, e compartilhando algumas experiências comuns (Da Motta, 2004). No interior de cada geração, constroem-se representações e identidades que se contrapõem a de outros agrupamentos e que também podem ser interseccionadas com outros divisores, como gênero, raça e classe.

A primeira geração de skatistas foram mulheres que enfrentaram as barreiras e se colocaram de forma assertiva contra o machismo no skate. Ao mesmo tempo, produziram uma integração particular, construída em colaboração mútua. Esse grupo, que denominamos de “skatistas críticas”, conquistou espaço nas pistas e nas competições e desempenhou um papel fundamental na melhoria das condições para a integração das mulheres no esporte posteriormente.

A Confederação Brasileira de Skate (CBSK) destaca que é a partir de 1998 que se inicia um *boom* das construções de pistas de skates no Brasil. Já naquele momento, havia a presença de brasileiros nos melhores eventos mundiais, consagrando o skate brasileiro como um dos melhores do mundo. A indústria do skate ganhou destaque através de meios como revistas, vídeos, venda de insumos e roupas, além do surgimento de eventos nacionais e internacionais. A criação da Confederação Brasileira do Skate, em 2021, proporcionou uma organização e administração mais estruturadas para o esporte no país (CBSK, 2021).

Ser skatista, no início do século XXI, era fazer parte de uma subcultura urbana transgressora, uma vez que os skatistas, mais do que simplesmente andar pela cidade, iam

em busca de lugares propícios ao *streetskate*, desafiando os usos corriqueiros da arquitetura urbana (Machado, 2011). A cidade foi tomada como lugar de interpretação e os espaços e monumentos públicos tinha seu uso ressignificados, em desacordo com a ordem, vigilância e controle apresentados pelas autoridades municipais (Brandão, 2008).

Nessa subcultura, a presença de mulheres era invisibilizada (Figueira; Goellner, 2013), em especial em eventos competitivos. Em 1995, ocorreu o primeiro campeonato feminino do Brasil, chamado "*Check it out girls*", na cidade de São Paulo. Apesar da invisibilidade das mulheres skatistas até esse evento, isso não significou que elas estivessem ausentes da prática. A invisibilidade é fruto da construção de uma rede discursiva que as posiciona à margem e anula simbolicamente seus feitos (Figueira; Goellner, 2009). Este é o contexto no qual se insere a "skatista crítica" que narramos.

Esse modo de integração foi vivenciado por Andrea, praticante de skate há mais de 20 anos. Desde o início de sua jornada no skate, em 1998, ela identifica e nomeia as dificuldades históricas e sociais associadas a ele. Ao longo de sua participação no skate, Andrea percebe que possui uma visibilidade e habilidade digna de destaque nesse cenário esportivo:

Encontrei no skate o que eu queria... que foi quando eu participei do meu primeiro campeonato em 1998 e ganhei, eu ganhei muitas coisas e eu falei ah! eu acho que é esse daqui mesmo...eu vou ter que escolher e aí escolhi o skate! De patins parei de treinar. Atletismo e capoeira eu fazia bem menos, até que eu parei mesmo, e fui focar no skate. (Andrea. 38 anos)

A inserção de Andrea no skate está ligada às experiências esportivas anteriores de sua infância. Para Côté e Hay (2002), a primeira etapa da participação esportiva deve ser caracterizada pela prática de diferentes esportes, classificados como diversificação ou jogo deliberado. Durante esta etapa a participação das crianças em atividades recreativas e esportivas são feitas espontaneamente, buscando prazer em sua realização. A despeito dessa iniciação diversificada, quando opta pelo skate, há um sentimento por trás de sua escolha. É o reconhecimento do desempenho que a mobiliza a focar no skate e para tal, seria necessário abandonar as outras práticas. Essa experiência foi aprimorando a forma como Andrea se integrava ao ambiente. Mesmo quando era a única menina skatista que frequentava o local de treino, ela não desistiu de continuar:

Eu não via meninas andando, não existia. Particularmente naquela época eu não via ninguém fazendo nada... Eu andava de patins e skate,

andava na Praça dos Namorados, onde o movimento *streetskate* já existia, então eu ia pra lá e não via nenhuma menina andando de skate, eram apenas meninos! (Andrea, 38 anos)

Apesar de fazer parte daquele território representado por homens e para homens, havia mulheres skatistas determinadas a permanecer e pertencer àquela subcultura. Com o passar do tempo notou-se a presença das mulheres dentro dessa modalidade, deixando em evidência algumas das formas de resistência exercidas pelas skatistas da época. Tal exclusão não impediu que as mulheres participassem de determinados eventos e campeonatos, de modo que Andrea passou a participar de categorias destinadas apenas aos homens, conseguindo desafiar a ausência das mulheres skatistas:

Comecei exatamente na categoria masculina, pois não havia categoria feminina e participei da categoria mirim masculino e iniciante masculino,⁴ estando um bom tempo nessa dinâmica! Quando começaram a surgir mais meninas skatistas veio a demanda de ter a categoria feminina e a partir daí competi apenas na categoria feminina. (Andrea, 38 anos)

Essa discriminação esportiva expressa na baixa participação das mulheres e visibilidade quase nula é marcada pelo seu tempo histórico. Da mesma forma, a história de Rebeca, outra participante da pesquisa, mostra o resultado de começar a andar de skate nos anos 2000. Começar a andar de skate em bairros periféricos, distantes da cidade grande, fez com que sua integração fosse consequência de experiências e situações de resistência, conflitos e resignificação da prática.

Nesse sentido, Rebeca e Andrea são tidas como “skatistas críticas”. Elas se posicionam com um discurso ativista e inclusivo, buscando conquistar espaços e visibilidade para as skatistas, em *skateparks*, competições ou nos meios digitais. O conceito de empoderamento ajuda a compreender a ação dessas skatistas, que visam promover a autonomia e superar a desigualdade de poder em que as mulheres se encontram (Marinho; Gonçalves, 2016). Refere-se, principalmente, a um desafio e a um compromisso coletivo em uma luta pela transformação social que começa em um nível micro.

Assim, a discussão sobre as posições que as pessoas ocupam nas redes de poder nos convida a pensar em alguns princípios desenvolvidos por Foucault (1994). Segundo

⁴ Mirim corresponde à categoria sub-12 e iniciantes à categoria sub-16.

o autor, o poder não se situa em um determinado grupo, ele está em toda parte e onde há poder, há resistência. Portanto, a existência de uma estrutura histórica no esporte que é desigual entre mulheres e homens abre a possibilidade para o exercício da resistência como alternativa para as skatistas desafiarem as práticas e as normas de gênero vigentes nas pistas de skate.

Em uma postagem nas redes sociais, Rebeca se posiciona ironicamente quando da realização de um evento que não previa a categoria feminina: "Não há mulheres suficientes para ter a categoria feminino (sic)...Elas têm que confirmar sua presença para incluí-las no cartaz (sic)" Após esse protesto ela afirma a alternativa que elas construíram: "Somos auto-organizadas! Fazemos nossos próprios eventos com direito a cerveja, churrasco e *bestrick* (prêmio para a melhor manobra) de *quadradinho* (passos de dança usados no funk).

O encontro aconteceu durante a noite, quando a pista estava livre de skatistas, o que permitiu o consumo de cerveja, carne e outras refeições. Cerca de 20 mulheres se apropriaram do espaço da pista de skate, andando de skate, conversando, comendo e dançando. Durante a "competição de quadradinho", que ocorreu após a de manobras de skate, vários homens skatistas assistiam as mulheres dançando. Nesse momento, um deles disse algo desdenhoso sobre a atividade, aludindo que dançar não tinha nada a ver com skate, tentando reiterar as fronteiras simbólicas de gênero na pista. Nesse contexto há uma disputa em torno da ritualização de gênero, de modo que as participantes demarcavam seu espaço e suas fronteiras (Thorne, 1993).

Toffoletti e Thorpe (2018) nos atentam para a forma como, a despeito das oportunidades que as redes sociais proporcionam para as mulheres esportistas decidirem como se retratarão, as pressões neoliberais da "economia da visibilidade" fazem com que elas se encorajem a agir como empresárias da sua própria imagem e se auto promoverem. No entanto, o posicionamento de Rebeca demonstra a forma de integração da "skatista crítica", marcada pela luta por direitos no esporte e respeito à presença feminina no espaço, mais do que uma autopromoção de sua imagem como skatista. Interessa a essas skatistas produzir experiências acolhedoras que favoreçam a criação de espaços legítimos e seguros, além de intervir em situações que prejudiquem ou interrompam o desenvolvimento da prática por mulheres. É importante ressaltar que essa prática de empoderamento promove uma reflexão sobre o papel da mulher e no contexto em que as skatistas vivem e ocupam para a prática esportiva. A prática de empoderamento das skatistas dessa geração, ao ancorar-se na construção de um espaço coletivo, resiste, por

consequente, às perspectivas neoliberais, que tratam empoderamento e ativismo feminista como uma prática individual (Toffoletti; Thorpe, 2018).

Nessas discussões, as “skatistas críticas” se envolvem tanto individual quanto coletivamente como sujeitos éticos por meio de publicações e comentários (Mackay; Dallaire, 2013). Elas se configuram tanto a nível individual quanto coletivo como atletas comprometidas, produzindo cobertura na internet de suas próprias performances esportivas por meio de vídeos e fotos. Ao mesmo tempo, são impulsionadas por um compromisso com um código moral que destaca a solidariedade entre meninas e mulheres skatistas como sujeitas de conduta ética, especialmente, em sua relação com outras mulheres (Mackay; Dallaire, 2013).

Nesse sentido, a percepção do ambiente de prática é fundamental para conseguir identificar as “skatistas críticas”. Elas geralmente são diretas com suas opiniões, dizem o que pensam e sua posição é crítica em relação àquelas situações e/ou comportamentos que prejudicam ou interrompem o desenvolvimento da prática de skate por elas ou pelas demais participantes. O empoderamento que elas transmitem não é um processo linear ou cronológico, nem é definido igualmente, de modo que ele ocorre de forma diferente para cada pessoa ou grupo, dependendo do contexto, da vida e da história (León, 2001). Como resultado, essas skatistas críticas deixam um legado de performance e de espaço conquistado para as gerações seguintes.

A longa trajetória de Andrea e Rebeca e destaque na prática do skate deram a elas um maior *status* naquele espaço. Andrea percebe e comenta da seguinte forma:

No meu caso, eu já tenho uma história no skate, dou aulas de skate nesses espaços, tem uma galera que me respeita muito, eles já me conhecem, já sabem quem eu sou e o que eu fiz (Andrea, 38 anos).

Esse status dentro do circuito de skatistas permite que ela assuma o controle de algumas situações, tome decisões e atraia a atenção para si. O *status* dessas skatistas não é determinado apenas pelos anos que elas praticam o esporte, mas também pela capacidade que elas têm de usar suas habilidades. A habilidade no esporte é um fator de participação que se cruza ao gênero para desestabilização das fronteiras (Uchoga; Altmann, 2016). Em outras palavras, meninas e mulheres conseguem se afirmar em espaços esportivos quando possuem habilidade extraordinária e destreza. Neste caso, performance esportiva e performatividade de gênero se combinam para produzir feminilidades de prestígio dentro da subcultura. Deste modo, o entendimento do skate

como um esporte e o prestígio que as “skatistas críticas” têm nele proporcionam desafiar as relações da subcultura nos espaços de prática. O mesmo é demonstrado em outras pesquisas, segundo as quais meninas e mulheres precisam trabalhar mais intensamente e superar mais obstáculos do que os seus pares do gênero masculino para conquistar o *status* legítimo de skatista (Pomerantz; Currie; Kelly, 2004). Essa legitimidade é negociada por meio das habilidades físicas, uma vez que a coragem de realizar manobras sem medo de se machucar é comparada com os padrões masculinos, revelando assim a codificação da prática como masculina e vinculada a relações de gênero hierárquicas (Bäckström, 2013).

Quando se trata de intervir, as “skatistas críticas” usavam desse prestígio e status para agir, propagando aquilo que consideravam justo. Durante a entrevista com Andrea, comentando sobre as categorias nos campeonatos de skate, ela relembra um episódio que aconteceu na categoria feminina:

Só que os meninos na hora de julgar, eles julgaram diferente do que julgam aos homens... jogaram a planilha fora e na hora da premiação, tinha umas 9 meninas, mas foram chamando ao contrário da última para a primeira, e foram colocando quem ficou por última como se fosse em primeira... E aí mano! Ridículo! Eles pagaram muito mico e aí eu não tive como... não aguentei assim! E já eram 9 da noite e a gente sendo as últimas a serem premiadas... mano eu baixei uma treta com aqueles caras! Falei mano isso é falta de responsabilidade de vocês, é falta de respeito com as meninas, eu me tiro fora dessa, inclusive não quero premiação. Eu falo com você porque as meninas estão aqui até agora, não foram premiadas e aí na hora de fazer premiação vocês chamam tudo errado, como assim? Não estou entendendo! Vocês nem prestaram atenção no role, nem visualizaram! Vocês estão tirando a gente grandão! E outra coisa: ninguém está aqui à toa, cagando aqui. Se estamos aqui até este momento é porque acreditamos, estamos buscando alguma coisa! Mano eu nem quero nada, pode pegar essa parada e dar para qualquer menina, não faço questão, a única coisa que eu quero é que vocês respeitem as gurias, tá ligado? (Andrea, 38 anos)

Ao mesmo tempo em que expressam seu incômodo, elas também fazem autocríticas, tanto em relação a si mesmas quanto ao circuito ao qual pertencem (skate feminino). Elas conseguem identificar também suas fragilidades individuais e coletivas. Essas fragilidades são percebidas dentro da comunidade de skatistas de Vitória, uma vez que estão relacionadas com a pouca ou nenhuma participação de mulheres em eventos e/ou competições em nível local. Rebeca, por exemplo, relata que costumava ir para a cidade do Rio de Janeiro praticar skate, onde encontrava muitas skatistas que eram ativistas na busca pelo reconhecimento de sua prática.

Porque as minas lá (Rio de Janeiro), elas também se movimentam mais, né, pra poder fazer as coisas acontecerem em relação ao cenário do skate feminino[...] Aqui em Vitória é foda porque a parada esquentada, esfria, esquentada, esfria. Aparece várias minas e depois some tudo mundo, não engata. A parada vai e fica aquela cena bonitona igual em alguns outros lugares, assim... Mas vendo essa quantidade de mina aqui agora, eu acredito que isso... Agora vai gente! (Risadas) Não vamos parar de andar de skate não. Ninguém solta a mão de ninguém.

Nesse sentido, o que as skatistas críticas buscam é aumentar a participação de meninas e mulheres. Isso foi expresso por Andrea, quando uma das integrantes da organização da 2ª etapa estadual do skate capixaba, perguntou sobre a categoria feminina:

Andrea o que você acha? Mano não me pergunta cara! Sabe o que que eu acho, a categoria tem que estar, é um espaço nosso, é um direito nosso, ponto! Ou talvez você pergunte se eles vão ter a categoria Mirim ou não? É um circuito estadual! Me ajuda vei! Sabe? São perguntas muito idiotas... (Andrea, 38 anos)

Dessa forma, não existem fórmulas prontas para tornar o empoderamento possível; no entanto, a conscientização e a valorização da história pessoal desempenham um papel fundamental nesse processo. As skatistas críticas têm a capacidade de intervir por meio de uma agência feminista, não apenas expressando verbalmente suas opiniões, mas atuando como ativistas nos espaços de prática, transformando-os em espaços políticos. Busca-se não apenas o reconhecimento, mas também uma distribuição justa dos recursos no esporte, como competições, premiações e espaço. Para Fraser (2007), a paridade participativa serve para identificar e condenar a injustiça de gênero, na medida em que os arranjos sociais impedem a paridade de participação, seja por má distribuição ou falta de reconhecimento. Portanto, o modo de integração das “skatistas críticas” está voltado para a criação e melhoria de espaços destinados à prática de skate por mulheres, estabelecendo uma conexão com a integração das skatistas companheiras a esse esporte.

A skatista companheira

A “skatista crítica” conquistou espaço para que outras mulheres se reconhecessem na prática do skate. Desde o final da primeira década dos anos 2000, mulheres skatistas têm promovido diferentes ações, buscando potencializar o skate feminino no Brasil (Figueira; Goellner, 2012) como a criação de blogs, participação em concursos, aparição em revistas e o uso da internet como ferramenta de conexão e divulgação. Nesse sentido,

uma característica distintiva entre as “skatistas críticas” e as “skatistas companheiras” é que estas últimas, durante o processo de aprendizagem do skate, já contavam com a companhia de outras mulheres e uma rede mais ampla de representação dentro do esporte.

Emilia é uma “skatista companheira”. Ela pratica esse esporte desde 2013, mas conta que parou algumas vezes por fatores acadêmicos. Quando Emília tinha 19 anos, ao fazer uma aula de skate, conheceu Alexandra e Verônica, criando um laço de amizade durante os momentos que partilhavam aprendendo o esporte. Embora o skate seja uma atividade esportiva individual, ela é desenvolvida socialmente. As interações com os demais participantes em cada momento da sessão demonstram uma socialização inerente ao espaço esportivo. A “skatista companheira” se caracteriza por acompanhar outras meninas em sessões de skate, e vice-versa. É assim que Emília descreve na entrevista:

Eu gosto muito de andar com a Verônica... Não sei se é porque comecei a andar junto com ela e a Alexandra... mas com as amigas, entendeu? Eu prefiro muito mais, dá mais ânimo, não é diversão sozinha, entendeu? (Emilia, 26 anos).

As “skatistas companheiras” interagem de forma coletiva para utilizar as pistas, sem sentir a obrigação de adotar comportamentos infantilizados ou masculinos para serem aceitas (Mackay; Dallaire, 2013). Esse cenário facilita o processo de ensino-aprendizagem devido ao uso coletivo de espaços esportivos, diminuindo as barreiras para acessá-lo. Embora o skate não seja um esporte de equipe, é considerado um esporte "social" e isso contribui para as skatistas companheiras. Se para alguns, o skate como esporte social significa demandar a presença de outros para testemunhar os sucessos de um indivíduo (Jones, 2011), transformando-se em um "espetáculo" (Scollon, 1998 *apud* Jones, 2011) para que outros skatistas observem e comentem, para as skatistas companheiras torna-se a forma possível de serem aceitas naquele espaço sem precisar negociar ou negar seu gênero.

A biografia dessas skatistas constrói uma forma de integração ao esporte com um forte senso de amizade. Destaca-se a importância atribuída às relações e vínculos que transcendem o ambiente da pista. É fundamental ressaltar que o valor atribuído por essas skatistas aos laços construídos não implica que as demais skatistas, com diferentes modos de integração, não sejam amigas entre si.

Além disso, a existência de espaços de aprendizagem sistematizada, como aulas guiadas por um/a professor/a também contribui para a construção da pista como um espaço seguro (Mackay; Dallaire, 2013). Emilia, Alexandra e Veronica se conheceram e

aprenderam a andar de skate por meio das aulas, construindo um espaço exclusivo de intercâmbio entre elas. Essa estratégia visa manobrar a ordem hierárquica de gênero nas pistas, ao estabelecer espaços separados exclusivos para elas. Nesses locais, as mulheres não precisam negociar gênero ou poder, criando um ambiente mais propício para a prática do esporte (Bäckström, 2013). Verônica tem 26 anos e anda de skate há 8. Dentro dos esportes que Verônica pratica (karatê e ciclismo), ela se identificou mais com o skate, pois implica uma relação maior com as pessoas:

Minhas melhores amigas estão no mundo do skate, então quando você se junta acaba ficando com o skate, isso ajuda a ter uma relação maior com o skate do que com outros esportes. As amizades que o skate me trouxe... Meu marido, eu o conheci através do skate. A vida que eu tenho hoje e a relação que eu tenho com as pessoas, é por causa do skate. (Verônica, 26 anos)

A amizade é um sentimento base presente nas sessões práticas dessa modalidade esportiva de integração. O apoio mútuo entre as companheiras provoca uma sensação de segurança, encorajamento e otimismo. A conveniência de aprender e andar de skate em grupo permite que as mulheres sintam apoio, especialmente ao aprender uma manobra, onde a paciência se reflete no processo de ensino, caracterizado por uma expressão corporal que inclui abraços e alegria ao conseguir acertar (Fok; O'connor, 2020).

Quando uma dessas skatistas está na pista, ela compartilha com suas companheiras as mesmas emoções de felicidade se a manobra for bem-sucedida, ou a frustração se a manobra não for bem-sucedida. Essas características não são exclusivas desse modo de integração, mas são traços que aparecem de forma mais decisiva na presença delas nas pistas de skate. Isso é demonstrado no episódio em que a pesquisadora em campo estava praticando uma manobra chamada *fakie flip* e seu lado estavam Paula e Catalina:

Continuei tentando a manobra, Paula e Catalina me incentivaram, gritando: Agora vai! Você entendeu! Dá! Aaaaa quase! Você pode! Toda vez que eu tentava, elas me incentivavam a continuar e não desistir. Paula e Catalina tentaram fazer o *flip*, começaram junto comigo, uma tentativa atrás da outra, muitas vezes, estavam muito motivadas pela *vibe* do momento. Catalina esteve muito perto de acertar, pisou no skate duas vezes, faltando apenas manter o equilíbrio, enquanto Paula, por ter um nível mais amador, não conseguiu e desistiu do *flip*. Por fim, digo a elas: quero ver todo mundo fazendo o *flip*! Elas respondem: vai dar certo! Naquele momento batemos as mãos (Diário de campo 10 de março de 2021).

Apesar das barreiras de gênero dentro do esporte, o skate oferece a homens e mulheres uma experiência não competitiva de criatividade individual e uma identidade comunitária (Carr, 2017). A intenção de elevar o desempenho e conseguir uma manobra está presente, mas as pretensões não são da competição. O apoio coletivo fica evidente durante o processo de participação dessas skatistas. Esse tipo de sentimento se torna ambíguo ou tensiona durante o processo de esportivização do skate, reafirmando valores da subcultura *streeteira* de ser uma “prática social”, em vez de competitiva.

Nas entrevistas realizadas, prevaleceu a preferência por andar de skate em grupo, sobretudo, exclusivamente entre as mulheres, no qual elas reconhecem como um espaço confortável e representativo. Essa comunidade que se forma na pista é uma forma de fazer amigas com quem possam compartilhar as mesmas emoções e experiências que o skate lhes proporciona. Maria menciona o seguinte:

Não gosto de andar sozinha! Já até questionei isso muitas vezes. Para mim não é muito divertido andar sozinha, porque tudo para mim é compartilhado, então se eu tenho alguma alegria não é divertido. Eu gosto de compartilhar esse momento. (Maria, 22 anos)

Essa preferência das “skatistas companheiras” pode ser associada ao que Bäckström, e Nairn (2018) reconhecerem como acionamento de uma visibilidade estratégica para firmar o espaço das mulheres nas pistas de skates. A visibilidade estratégica consiste em destacar o espaço das meninas e mulheres de forma segregada, o que os torna mais visíveis. No entanto, essas experiências geram um paradoxo entre visibilidade e invisibilidade, pois ser visível nem sempre significa conforto, e estar nos limites da invisibilidade pode ser frustrante e limitante em termos de oportunidades e participação (Bäckström; Nairn, 2018).

O paradoxo reside no fato de que, embora a segregação possa criar um ambiente mais inclusivo para as mulheres em grupos específicos, ela também pode contribuir para que elas continuem não sendo aceitas na maioria dos espaços do skate, especialmente quando estão fora desses grupos. No caso das skatistas companheiras, ao mesmo tempo que sua segregação contribuía para que se sentissem acolhidas e seguras, elas não se sentiam pertencentes à pista na ausência das amigas, como Maria destacou. Esse senso de pertencimento refere-se aos vínculos estabelecidos com o local e com as pessoas que o frequentam (Yuval-Davis, 2006), que no caso dela está diretamente relacionado às demais “skatistas companheiras”.

Como mencionado acima, o skate é um esporte individual, porém, são necessários outros agentes para testemunhar as conquistas de cada praticante (Jones, 2011). Durante o trabalho de campo, em uma sessão com Andrea, Stefani e Ana:

Andrea mostra que tem maior domínio na execução de algumas manobras, seu nível é avançado em relação às outras skatistas. Andrea explica que é fácil, só temos que estar confiantes e treinar muito. Enquanto treinam, elas são motivadas por gritos e palmas. Imediatamente uma dinâmica de *feedback* ocorre através de dicas e ajudas no final de cada volta. Elas perguntam umas às outras o que melhorar, como fazer, onde entrar no *bowl* e se é possível melhorar a velocidade. (Diário de campo 20 de abril de 2021)

Quando as skatistas indicam que preferem andar em grupos para compartilhar momentos de diversão e alegria, elas não estão se referindo apenas a essas emoções. Elas buscam o sentimento de se sentirem acolhidas e pertencentes a uma comunidade, tendo seu envolvimento com o esporte validado. Dessa forma, as participantes co-constroem seu aprendizado por meio de um processo de negociação entre elas, fornecendo recursos para a participação (Jones, 2011). A “skatista companheira” busca dividir o espaço da prática com suas amigas, proporcionando incentivo, buscando uma união dentro de um espaço que desafie as relações de poder que as marginaliza. Em suma, elas negociam sua posição nas pistas de skate a partir de ações colaborativas e coletivas.

O senso de pertencimento ao skate produzido pelas “skatistas companheiras” desafia os valores associados à masculinidade da subcultura. Isto é, na medida em que elas, juntas, frequentam as pistas, elas invertem o sentimento de exclusão causado por seu gênero, e constituem um senso de pertencimento a seu grupo e ao skate. Isso demonstra uma forma de pertencimento que é também performativa, já que se remete a práticas específicas e reiteradas, vinculadas ao andar de skate nas pistas, que reproduzem laços afetivos, conectando pessoas e coletivos (Yuval-Davis, 2006). Nesse caso, performatividade de gênero se cruza a performatividade do senso de pertencimento para materializar a forma de integração da “skatista companheira”.

Se no caso das “skatistas críticas” o desafio aos valores e práticas associados à masculinidade na subcultura eram desafiados pela performance esportiva, as “skatistas companheiras” promovem esse desafio tensionando também a ideia de performance esportiva. Suas pretensões não estão voltadas ao desempenho competitivo. Para elas, o senso de pertencimento é mais importante que a autoestima e o prestígio obtidos com o

bom desempenho competitivo. Em vez de se integrarem com base no prestígio e na busca por direitos iguais no esporte, essas skatistas se integram pela construção de uma comunidade, de pertencimento de forma comum aos lugares que andam de skate, tensionando, portanto, os valores do desempenho, da competição e da vitória que mobilizam a prática esportiva. Colocam em seu lugar, as emoções e a partilha de afetos e laços com as amigas durante as práticas de skate.

A Skatista aprendiz

A ampliação dos espaços destinados às mulheres no skate, tanto no âmbito geral quanto no contexto específico da cidade, deu origem também a outras formas de engajamento por parte das mulheres que se aventuraram no skate. Entre esses diferentes modos, a participação pela sociabilidade, a ocupação dos espaços das pistas para o próprio aprender, intitulado de “skatista aprendiz” foi um tipo de experiência com o esporte que emergiu ao longo da pesquisa. Essa forma de participação não é estável nem fixa, mas pode estar presentes de forma plural entre as mulheres skatistas, sendo temporárias, modificáveis e variáveis, acionadas de acordo com o contexto. Em suma, as mulheres também se agenciam e circulam entre uma identidade e outra.

A integração das mulheres na cultura esportiva do skate, nos dias atuais, é influenciada pela tensão entre subcultura e esportivização, que deu maior visibilidade à presença das mulheres. Portanto, difere da forma como as “skatistas críticas” e as “skatistas companheiras” estavam integradas nas décadas anteriores. A visibilidade do esporte aumentou significativamente devido à sua inclusão como uma nova modalidade olímpica estreante nos Jogos de Tóquio em 2021. Com a promessa de atrair e fortalecer o público jovem nos Jogos Olímpicos, o Comitê Olímpico Internacional (COI) integrou esses esportes, buscando também promover uma agenda de equidade de gênero. Essa iniciativa do COI trouxe à tona a questão, aumentando a visibilidade e contribuindo para que a participação das mulheres deixasse de ser marginalizada em termos de envolvimento e liderança (Wheaton; Thorpe, 2018).

No Brasil, a entrada do skate nos jogos olímpicos propiciou um crescimento significativo na adesão e visibilidade desse esporte. A exposição do skate na mídia brasileira durante as Olimpíadas chegou a ser 14 vezes maior que nos outros meses (CBSK, 2021). Essa popularidade se intensificou ainda mais com a participação de Rayssa Leal, que conquistou a medalha de prata na modalidade *street*, aos 13 anos,

tornando-se a brasileira mais jovem da história a conquistar uma medalha olímpica. Devido ao seu desempenho, ela foi escolhida pelo público como a atleta que melhor representou o espírito olímpico nos Jogos Olímpicos de Tóquio. Outras duas skatistas brasileiras estrearam ao lado de Rayssa nas Olimpíadas, Letícia Bufoni e Pamela Rosa. Essas participações marcaram o cenário nacional do skate, principalmente para as mulheres skatistas que estão iniciando seu processo de treinamento nesse esporte.

Como resultado da repercussão que o skate feminino obteve através das mídias em geral, as skatistas da geração mais jovem viram uma representatividade em Rayssa "a fadinha".⁵ A sua extensiva representação como símbolo da juventude (Pereira, 2023) foi uma fonte de reconhecimento para muitas garotas. Catalina é uma skatista de 14 anos de Vitória. Ela menciona durante a entrevista que sonha em chegar ao nível de Rayssa, ser atleta do skate e representar o Brasil em uma Olimpíada. Deste modo, Catalina nos mostra que a experiência dela com o esporte é diretamente influenciada pelo contexto de que sua geração vive, de ter mulheres como modelos de referência para a prática esportiva.

Esse modo de integração condiz com a geração de garotas e mulheres que estão aprendendo a andar de skate após a exposição pública de tal modalidade esportiva nos jogos olímpicos. Neste caso, gênero se cruza com geração para proporcionar uma vivência na subcultura tensionada pela esportivização intensificada pela entrada nos jogos olímpicos e pelos modelos de referência femininos presentes no país. Elas estão conhecendo regras simbólicas do esporte, estão aprendendo a interação com as outras pessoas em uma pista, códigos de comunicação e os aspectos da subcultura skatista já atravessada pelas tensões da esportivização. Deste modo, as "skatistas aprendizes" já se integram a uma subcultura skatista que não distingue com tanta precisão as fronteiras entre o "streeteiro e o atleta". Esse borramento de fronteira, adicionado à presença de mulheres atletas como modelo de referência, presentes nos meios de comunicação do skate, contribui para uma percepção de menor hierarquização de gênero nas pistas.

Algumas situações evidenciadas no trabalho de campo mostraram a forma como a "skatista aprendiz" se integra ao esporte, de forma menos segregada e se arriscando:

Depois de alguns minutos duas meninas adolescentes chegam junto com outros dois meninos para andar de skate, uma delas tinha mais conhecimento (Pati) do que sua amiga. Desde quando chegou ao skatepark, ela imediatamente dropou e começou a circular na pista,

⁵ Rayssa Leal é conhecida por todos os brasileiros como "Fadinha", que significa "Fada". Ela recebe esse apelido de um vídeo viral postado na plataforma Instagram ao realizar uma manobra (*heelflip*) em escadas disfarçado de fada.

fazendo algumas manobras como praticar *rock to fakie*. Ela cai tentando fazer o *rock to fakie*, mas se levanta como se nada tivesse acontecido e continua a praticá-lo. (Diário de campo 04 de março de 2021)

As tentativas de Pati foram muitas, repetindo a manobra que deseja aprender inúmeras vezes. O fator medo existe, mas é minimizado em função do objetivo de aprender o movimento. A “skatista aprendiz” se deixa levar pelo entusiasmo e pela coragem. Dessa forma, a hierarquia de gênero favorece as skatistas aprendizes que se distinguem entre seus pares, uma vez que assumem riscos e rejeitam o medo de se machucar como preocupação feminina (Atencio *et al.*, 2009; Pomerantz; Currie; Kelly, 2004). Por conseguinte, elas negociam com a representação de feminilidade associada ao medo, reproduzindo o skate de risco como a única forma de integrarem à cultura do skate (Bäckström; Nairn, 2018).

Nesse contexto de aprendizagem, apresentam vontade de aprender e recebem conselhos, mesmo que não os busquem voluntariamente. Elas colocam esses conselhos em prática, como na cena descrita a seguir:

Vi a Paula tentando fazer um *rock to fakie*. Eu me aproximo dela e pergunto se ela gostaria de receber um conselho, ela diz que sim. Digo a ela que poderia tentar outros exercícios antes de tentar a manobra, para que ela perdesse o medo e ganhasse confiança. Mostrei o exercício e ela entendeu. Paula ficou por cerca de 15 minutos treinando e depois retornou. Eu não posso fazer a manobra. (Diário de campo 10 de março de 2021)

Paula recebe o conselho, mas admite que tem ouvido constantemente mais de uma opinião, em geral de homens, e reconhece neles uma carga de preconceito.

Às vezes há comentários desnecessários, como: ah acerta logo! Eles mexem em muita coisa, você está andando e ah! Tem que acertar. Você sempre tem aqueles comentários chatos. Normalmente são homens que passam abruptamente na pista, que falam "brincando", mas no fundo tem alguma coisa ali, enfim... (Paula, 14 anos)

A intenção de opinar voluntariamente sobre o processo de aprendizagem de outra pessoa, com a qual eles não têm relação, reflete as relações hierárquicas dentro do skate, caracterizando as mulheres como menos capazes (Bäckström, 2013). Para Catalina, no entanto, o skate é igual para todos que frequentam as pistas, não há diferenças, porque, segundo ela “todos caímos, todos progredimos e todos aprendemos”. Após ser

questionada novamente sobre as regras simbólicas nos grupos que frequentam o *skatepark*, ela respondeu pensativa:

Mmm depende, vamos supor que um menino esteja atrapalhando alguma manobra de um skatista, ele vai dizer: não, calma não dá nada... Agora, se eu fosse uma menina atrapalhando seria: o que é isso? O que está acontecendo!!!! É complicado...

Investigadora: E já aconteceu com você?

Sim, aconteceu comigo, mas não me lembro agora. Lembro que uma vez aconteceu com uma amiga. Ela estava andando bem tranquila, e um rapaz estava mandando uma manobra no corrimão. Veio outro rapaz e sem querer o incomodou e ele falou: Não, sossegado, isso acontece...! Já com a minha amiga, ele discutiu com ela: “olha, já é a segunda vez! Tinha que ser mulher!” Ele disse isso, foi uma coisa realmente absurda.

Investigadora: E ela fez alguma coisa a respeito?

Não, ela é tímida. (Catalina, 14 anos).

A situação narrada por Catalina é muito semelhante à descrita por Bäckström (2013), segundo a qual, devido às hierarquias de gênero no uso das pistas é comum que as mulheres sejam culpadas por estarem no lugar errado na hora errada, não tendo o mesmo direito a usá-las como seus pares homens. No entanto, Catalina demora a perceber a existência dessa hierarquia e tampouco descreve alguma reação de protesto diante dela. Se compararmos esse modo de integração com o da “skatista crítica”, fica evidente as diferentes formas de encarar as relações de poder existentes nas pistas de skate. Para a “skatista crítica”, é fundamental se posicionar, e elas usam de seu *status* como praticante do esporte há muitos anos para resistir às relações de poder vigentes no *skatepark*. Já a “skatista aprendiz” não goza desse mesmo privilégio. Consequentemente, elas não são tratadas da mesma forma. O que permite que esse *status* de “skatista crítica” se traduza em respeito e valorização das mulheres são justamente seus posicionamentos que foram conquistando espaço. A “skatista aprendiz” não se vê na posição de lutar por ele.

Considerações finais

Esses três modos de integração à prática do skate observados em nosso trabalho de campo traçam diferentes modos de se relacionar com a prática esportiva e os demais praticantes nas pistas. O sentimento gerado pela prática do skate move esses três tipos de

skatistas, que lidam de maneiras diferentes com algumas situações de participação. Apesar de parecerem três gerações diferentes, elas se cruzam e convivem no *skatepark*.

No entanto, os modos de integração apresentados não são estáveis nem fixos. Estes são mostrados de forma plural nas mulheres skatistas, sendo acionados de acordo com a situação e o contexto. Por isso, elas circulam entre um modo e outro. No entanto, chama a atenção como sua integração à subcultura do skate é particularizada pelos significados que atribuem ao esporte, bem como pelas diferentes formas de pertencimento e vínculos afetivos que criam entre eles. Em todos os modos de integração, no entanto, as desigualdades e discriminações são sentidas e enfrentadas ou negociadas, de distintas formas.

A disposição de integração é estabelecida de acordo com a posição de sujeito que cada skatista tem dentro da comunidade. Por isso algumas das mulheres atuam a partir de um ativismo, tentam desconstruir as normas e hierarquias de gênero que estruturam a modalidade esportiva, criando espaços, intervindo com experiências pessoais, gerando um ambiente acolhedor, carregando uma bandeira de luta com ideais que fogem do genérico exercendo uma forte crítica com e para o circuito de Skate. A skatista companheira busca sua integração exercendo companheirismo com suas colegas durante o processo de aprendizagem. Não se preocupam em abrir espaços a partir do confronto e não percebem tanto o machismo quanto a violência institucionalizada, porém, o percebem nas micro relações. A forma de responder e negociar com isso é pelo fortalecimento colaborativo. Ou seja, estar com outras skatistas que contribuem para o crescimento do esporte entre mulheres, a partir da recepção das meninas que aparecem.

Por fim, mulheres com *status* inferior ao da skatista crítica podem aprovar qualquer estímulo que gere e produza conhecimento, sem evidenciar rejeição, não percebendo de forma tão evidente as situações de discriminação e pouco respondendo a elas. Para concluir, nesses três casos, falar sobre o modo de integração tem a ver com um ativismo feminista esportivo, já que são mulheres que negociam as relações de gênero e resistem às relações de poder desiguais na subcultura, reivindicando espaço, poder e reconhecimento.

Referências

ARDEVOL, Elisenda; GÓMEZ-CRUZ, Edgar. Digital ethnography and media practices. The international encyclopedia of media studies: Research methods in media studies, v. 7, p. 498-518, 2014

- ATENCIO, Matthew; BEAL, Becky; WILSON, Charlene. The distinction of risk: Urban skateboarding, street habitus and the construction of hierarchical gender relations. **Qualitative research in sport and exercise**, v. 1, n. 1, p. 3-20, 2009.
- BÄCKSTRÖM, Åsa. Gender manoeuvring in Swedish skateboarding: Negotiations of femininities and the hierarchical gender structure. **Young**, v. 21, n. 1, p. 29-53, 2013.
- BÄCKSTRÖM, Åsa; NAIRN, Karen. Skateboarding beyond the limits of gender? Strategic interventions in Sweden. **Leisure Studies**, v. 37, n. 4, p. 424-439, 2018.
- BEAL, Becky. Alternative masculinity and its effects on gender relations in the subculture of skateboarding. **Journal of sport behavior**, v. 19, n. 3, p. 204, 1996.
- BLACKMAN, Shane. Youth subcultural theory: A critical engagement with the concept, its origins and politics, from the Chicago school to postmodernism. **Journal of youth studies**, v. 8, n. 1, p. 1-20, 2005.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 3, 2005.
- BRANDÃO, Leonardo. Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 1, n. 2, 2008.
- BUTLER, Judith. **El género en disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Paidós, 2007.
- CARR, John N. Skateboarding in dude space: The roles of space and sport in constructing gender among adult skateboarders. **Sociology of Sport Journal**, v. 34, n. 1, p. 25-34, 2017.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE. Olimpíadas super impulsionam exposição do skate na mídia brasileira. Disponível em: <http://www.cbsk.com.br/noticias/noticias/olimpiadas-super-impulsionam-exposicao-do-skate-na-midia-brasileira/2168>
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SKATE. Skate no Brasil. Disponível em: <http://www.cbsk.com.br/cms/dados/skate-no-%20brasil/6>. Acesso em 12/02/2021).
- CÔTÉ, Jean; HAY, John. Children's involvement in sport: A developmental perspective. 2002.
- DA MOTTA, Alda Britto. Gênero, idades e gerações. **Caderno crh**, v. 17, n. 42, 2004.
- DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. A busca da excitação. Lisboa: Difel, p. 187-222, 1992.

FIGUEIRA, Márcia; GOELLNER, Silvana. "Quando você é excluída, você faz o seu": mulheres e skate no Brasil. **Cadernos pagu**, n. 41, p. 239-264, 2013.

FIGUEIRA, Márcia; GOELLNER, Silvana. O Skate feminino no Brasil: Estratégias de se fazer ver. **Skate e Skatistas: questões contemporâneas**. Londrina: UEL, 2012.

FIGUEIRA, Márcia; GOELLNER, Silvana. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, n. 3, 2009.

FOK, Clara Yee Ling; O'CONNOR, Paul. Chinese women skateboarders in Hong Kong: A skatefeminism approach. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 56, n. 3, p. 399-415, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Edições Graal.1994.

FRASER, Nancy. Feminist politics in the age of recognition: A two-dimensional approach to gender justice. **Studies in Social Justice**, v. 1, n. 1, p. 23-35, 2007.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Revista Mana* v. 3, n. 1, 1997.

HANNERZ, U. The global ecumene as networks of network. IN: KUPER, A. *Conceptualizing Society*. Londres, Routledge, 1992.

JONES, Rodney H. Sport, and re/creation: What skateboarders can teach us about learning. *Sport, education and society*, vol. 16, no 5, p. 593-611. 2011.

KELLY, Deirdre M.; POMERANTZ, Shauna; CURRIE, Dawn. Skater girlhood and emphasized femininity: 'you can't land an ollie properly in heels'. **Gender and Education**, v. 17, n. 3, p. 229-248, 2006.

LATOURE, Bruno. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). **Cadernos de Campo. Revista dos Alunos do PPGAS-USP** vol. 15, n.14/15, 2006.

LEÓN, Magdalena. El empoderamiento de las mujeres: encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género. **Revista de estudios de género: La ventana**, v. 2, n. 13, p. 94-106, 2001.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **De carrinho pela cidade: a prática do street skate em São Paulo**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MACKAY, Steph. Carving out space in the action sports media landscape: The skirtboarders' blog as a 'skatefeminist' project. *Women in action sport cultures: Identity, politics and experience*, p. 301-318, 2016.

MACKAY, Steph; DALLAIRE, Christine. Skateboarding women: Building collective identity in cyberspace. *Journal of Sport and Social Issues*, v. 38, n. 6, p. 548-566, 2014.

MACKAY, Steph; DALLAIRE, Christine. Skirtboarder net-a-narratives: young women creating their own skateboarding (re) presentations. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 48, n. 2, p. 171-195, 2012.

MACKAY, Steph; DALLAIRE, Christine. Skirtboarders. com: Skateboarding women and self-formation as ethical subjects. **Sociology of Sport Journal**, v. 30, n. 2, p. 173-196, 2013

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo soc.**, São Paulo , v. 17, n. 2, p. 173-205, Nov. 2005 .

MAGNANI, José Guilherme Cantor; DE SOUZA, Bruna Mantese. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. Editora Terceiro Nome, 2018.

MARCUS, G. E. Etnografia Multisituada. Reacciones y potencialidades de un Ethos del método antropológico durante las primeras décadas de 2000. *Etnografías Contemporáneas*, [S. l.], v. 4, n. 7, 2018.

MARINHO, Paloma Abelin Saldanha; GONÇALVES, Hebe Signorini. Práticas de empoderamento feminino na América Latina. **Revista de Estudios Sociales**, n. 56, p. 80-90, 2016.

MISCHE, Ann. **Partisan publics: Communication and contention across Brazilian youth activist networks**. Princeton University Press, 2009.

MISKOLCI, Richard. Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte, Autêntica, 2017.

PEREIRA, Claudia da Silva. Disputes and impasses in the media representations of the skater Rayssa Leal. **MATRIZES**, v. 17, n. 1, p. 223-249, 2023.

POMERANTZ, Shauna; CURRIE, Dawn H.; KELLY, Deirdre M. Sk8er girls: Skateboarders, girlhood, and feminism in motion. In: **Women's studies international forum**. Pergamon, p. 547-557, 2004.

QUIRÓS, Julieta. Etnografiar mundos vívidos. Desafios de trabalho de campo, escritura y enseñanza en antropología. **PUBLICAR-En Antropología y Ciencias Sociales**, n. 17, p. 47-66, 2014.

RIESSMAN, Catherine Kohler. **Narrative methods for the human sciences**. Sage, 2008.

SARAVÍ, Jorge Ricardo. **Skate, espacios urbanos y jóvenes en la ciudad de La Plata**. 2012. Tese de Doutorado. Universidad Nacional de La Plata.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

THORNE, Barrie. **Gender play: Girls and boys in school**. Rutgers University Press, 1993.

TOFFOLETTI, Kim; THORPE, Holly. Female athletes' self-representation on social media: A feminist analysis of neoliberal marketing strategies in “economies of visibility”. *Feminism & Psychology*, v. 28, n. 1, p. 11-31, 2018.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016.

VILA, Ramon et al. Aprendizaje y enseñanza de las habilidades con patines. **Apunts. Educació física i esports**, 2007.

WHEATON, Belinda; THORPE, Holly. Action sports, the Olympic Games, and the opportunities and challenges for gender equity: The cases of surfing and skateboarding. **Journal of sport and social issues**, v. 42, n. 5, p. 315-342, 2018.

YUVAL-DAVIS, Nira. Belonging and the politics of belonging. **Patterns of prejudice**, v. 40, n. 3, p. 197-214, 2006.

Recebido em outubro de 2023.

Aprovado em dezembro de 2023.